



## **Tristeza e edição do programa Repórter Brasil: formas de identificação do público nas coberturas trágicas<sup>1</sup>**

Roberta Braga<sup>2</sup>  
Allana Meirelles<sup>3</sup>  
Iluska Coutinho<sup>4</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

Ao analisar as coberturas do Repórter Brasil noite feitas em ocasião da morte de José Alencar e do massacre na escola de Realengo, pretende-se analisar como se dá a identificação do público em situações de forte carga emotiva. O objetivo é verificar se essas coberturas especiais trazem elementos que permitam uma maior aproximação com o telespectador ou se os dramas mostrados os afastam e deixam a matéria sensacionalista.

**PALAVRAS-CHAVE:** telejornalismo; tragédia; identificação; emoção

Este trabalho é parte dos resultados obtidos após um ano de pesquisa no grupo “Telejornalismo, imagem e representação”, a partir do projeto “Avaliação do telejornalismo na TV Brasil”, orientado pela professora Iluska Coutinho. Neste artigo, a proposta é analisar a cobertura de dois fatos marcantes no país no Repórter Brasil noite, veiculado pela TV Brasil: a morte do ex vice-presidente José Alencar e o ataque criminoso à escola de Realengo, no Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica do projeto “Avaliação do Telejornalismo da TV Brasil”. Estudante de Graduação 6º período da Faculdade de Comunicação da UFJF, email: [pb.braga@hotmail.com](mailto:pb.braga@hotmail.com).

<sup>3</sup> Bolsista de Iniciação Científica do projeto “Avaliação do Telejornalismo da TV Brasil”. Estudante de Graduação 6º período da Faculdade de Comunicação da UFJF, email: [allanameirelles@hotmail.com](mailto:allanameirelles@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Jornalista, doutora em Comunicação (Umesp), com estágio doutoral na Columbia University. Professora do departamento de Jornalismo e do PPGCOM da UFJF, desenvolve pesquisa sobre Telejornalismo e Público, com financiamento do CNPq. Email: [iluska@uol.com.br](mailto:iluska@uol.com.br)



Essas coberturas foram escolhidas por fugirem dos padrões do dia-a-dia do telejornal. Fatos singulares como esses requerem uma atenção especial e demandam assim maior destaque, detalhamentos e tempo na mídia. Apesar da demanda, inclusive do público, por uma cobertura de caráter especial, tudo isso é feito de forma corrida, muitas vezes sem a pré-produção ideal.

Dentro de todos os quesitos que podem ser avaliados em uma cobertura telejornalística, a escolha no recorte desse artigo foi pela análise da busca por identificação do público. Pretende-se averiguar como ela ocorre em casos que comovem e chocam uma nação e de que forma essa maior carga emotiva é conduzida pela equipe do Repórter Brasil.

José Alencar era conhecido pelo país não apenas por seu cargo de vice-presidente do Governo Lula, mas também, e quem sabe principalmente, por sua trajetória de luta contra o câncer. O Brasil inteiro acompanhou durante anos<sup>5</sup> suas várias internações, cirurgias e recuperações e isso acabou gerando uma proximidade com o público. As pessoas torciam por melhoras e se comoviam com sua dor. A morte, apesar de esperada, causou uma comoção geral naqueles que admiravam sua força.

O caso do massacre em Realengo foi bem diferente, mas também emocionou as pessoas. O anúncio do assassinato de crianças dentro de uma escola uniu o Brasil em uma série de sentimentos como dor, pena, choque e horror. Violência, principalmente contra crianças, é um tema que sempre mexe muito com a população em geral. Quase todos acabam se colocando no lugar dos parentes das vítimas, porque também são pais, irmãos, tios, avós. A tragédia sensibiliza e também aproxima.

Em cenários tristes, ou marcantes, muitas vezes a carga emotiva não é neutralizada pelos telejornais e acabam chegando ao telespectador. Isso contribui para que ele se sinta melhor representado e se identifique mais? É essa resposta que, a princípio, espera-se aqui encontrar.

### **Repórter Brasil e sua emissora**

O “Repórter Brasil” é o principal informativo da TV Brasil. E, por pertencer a uma empresa estatal, surgiu com o propósito de ser um telejornal comercialmente e politicamente imparcial, atendendo ao interesse do público de todo o Brasil.

---

<sup>5</sup> José Alencar lutava contra o câncer desde 1997 foi submetido a mais de 15 cirurgias durante esses anos de tratamento.

A TV Brasil, que é uma TV Pública, é gerida pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e que foi criada para “suprir uma lacuna no sistema brasileiro de radiodifusão com o objetivo de implantar e gerir os canais públicos, aqueles que, por sua independência editorial, distinguem-se dos canais estatais ou governamentais” (<http://www.ebc.com.br>).

Uma das propostas de uma TV pública é a inclusão, trabalhando com a diversidade e assim, sendo um diferencial àqueles que não tem lugar nas grandes redes comerciais. Essa diferenciação é viabilizada por sua maior independência editorial. A TV privada não tem essa independência, uma vez que se vê obrigada a expressar o ponto de vista de seus proprietários. A TV pública portanto não se baseia em valores ou imposições de mercado. Seu responsável é o Estado e assim, ela deve garantir um acesso igualitário a todos, tanto em termos de veiculação quanto em termos de conteúdo, sem por isso atender aos interesses do governo.

Em sua carta de princípios, a TV Brasil apresenta a busca por oferecer ao telespectador uma programação diferenciada, de forma a complementar e ampliar a oferta de conteúdos, jornalísticos inclusive, representando uma promessa da realização de um novo modelo de telejornalismo. A TV também assume o compromisso de buscar a participação da própria sociedade para a construção de pautas e da agenda jornalística, por meio da colaboração do cidadão comum, de entidades representativas e de movimentos sociais.

### **A questão da identificação**

Quando um telejornal cumpre com os pré-requisitos de um jornalismo de qualidade, dentre os vários pontos a serem seguidos está a pluralidade, ainda mais se tratando de um telejornal com abrangência nacional. Para ser considerado de qualidade, o jornalismo deve também primar pelo que chamamos de interesse público, que é o que interessa às pessoas como um todo, não restringindo esta ou aquela parcela da sociedade. De acordo com Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003, p.48)

Um jornalismo que se concentra na elite especializada – os interesses especiais- pode ser em parte responsável pela desilusão pública. Esse tipo de imprensa não reflete o mundo no qual vive a maioria das pessoas. A cobertura política preocupada com aspectos táticos e dirigida aos fanáticos do assunto não cumpre uma das responsabilidades do jornalismo.



Na verdade, um jornalismo no qual cada matéria é dirigida ao maior público possível deixa fora grande parte dos leitores.

Ao assistir um telejornal, o telespectador deve sentir que está ali representado, que o que está sendo abordado também é de seu interesse. Todas as parcelas da população devem ter voz.

E para que essa identificação ocorra, não é somente o assunto em pauta que deve ser abrangente. Até mesmo porque é muito difícil todas as matérias de um telejornal serem do interesse de todos. É necessário que a maneira com que a notícia é construída e passada pelo repórter consiga atingir a todos. Palavras e termos muito complexos e rebuscados excluirão o homem mais simples, assim como linguagem demasiadamente simples e coloquial poderão não atingir os mais cultos.

Outros recursos também podem ser usados para deixar os textos mais leves, didáticos e abrangentes como quadros e tabelas ou a presença de algum especialista para explicar assuntos mais complexos. “Seja pela escolha das pautas, no cuidado com a linguagem utilizada, ou ainda por meio da inserção direta de personagens populares em cena, o fato é que os telejornais buscam construir uma relação de identificação, um vínculo com o público”(COUTINHO, 2009, p.4).

Ver seus interesses representado na TV contribui significativamente para que o público tenha uma relação de identificação com o telejornal. Porém, muito mais forte que ser representado é se ver na TV. Segundo Antônio Cláudio Brasil, “quase todas as matérias de jornalismo na TV sucumbem à eterna tentação de convocar “a voz do povo”, também conhecida como “a voz de Deus”” (BRASIL, 2002, p. 5). Quando o telespectador pode falar na TV, em rede nacional, ele se sente parte integrante daquela produção. Iluska Coutinho defende a inserção do “povo” no telejornal e compara o processo à fabricação de um produto.

Além de, em tese, produzir um jornalismo mais participativo, com maior exercício da cidadania, a construção de laços de pertencimento de uma emissora de TV com seu público, nos moldes da indústria cultural, é um processo que pode ser comparado, sem esforço, à fabricação de um produto. Construir uma imagem nacional e popular implica em investir no reconhecimento, por parte do telespectador, de alguma origem comum, de algo que traga para dentro de casa (via TV), a o país onde se vive. O “povo”, nesse contexto, é retratado por meio de pequenas inserções de áudio+vídeo, nas chamadas sonoras, e se converte em audiência. (COUTINHO, 2009, p.7)

Nesse trabalho defende-se que a identificação do público nas matérias que anunciam a morte de José Alencar e a chacina em Realengo se daria na medida em que a edição mostra a reação do “povo”, no choro de uma mãe que teve seu filho assassinado, no depoimento de alguém que fale da luta do ex vice-presidente. O telespectador, para se ver representado, deve sentir que também está de luto pelas crianças e que também fez parte da história do país, uma vez que acompanhou “os bastidores” morte de um político importante. É como se, em um futuro, eles também quisessem ser lembrados: “eu lembro”, “eu vi”, “eu fui”, “eu senti”.

### **Repórter Brasil anuncia: morre José Alencar**

José Alencar morreu dia 29 de março de 2011, depois de complicações causadas pelo câncer. Seu falecimento foi amplamente noticiado pela mídia, e no Repórter Brasil noite não foi diferente. O dia seguinte à sua morte, 30 de março, teve ainda mais destaque, pois já se tinham mais informações sobre o caso e seu corpo já estava sendo velado. Por isso esse dia foi escolhido para servir de base para o presente trabalho.

Logo no princípio do telejornal, pode-se perceber total destaque ao ex vice-presidente. “Brasília se despede de José Alencar, e pela primeira vez morador da capital da República subiu a rampa do planalto”. Foi assim que a edição do Repórter Brasil noite teve início no dia 30. As manchetes seguiram falando da missa de corpo presente, do cancelamento da agenda da presidente Dilma Rousseff para os funerais e do prêmio recebido por Lula em Coimbra, que ele dividiu com o falecido amigo. Depois de anunciadas as demais notícias da edição, a cremação de José Alencar fechou as manchetes daquele dia.

A primeira notícia da noite, apresentada por Fernanda Isidoro, foi a respeito do velório no palácio do planalto, aberto ao público. Em um stand-up ao vivo, a repórter Karine Melo fala direto do local do velório. Ela noticia a expectativa do local pela chegada de Dilma e Lula e anuncia os próximos passos da cerimônia.

Após o stand-up<sup>6</sup> Fernanda Isidoro fala da chegada do corpo a Brasília, recebido com honras de chefe de Estado. No VT, o vice-presidente Michel Temer fala do legado

---

<sup>6</sup> O “stand up” é basicamente a gravação de uma espécie de nota com os dados apurados, no local onde acontece o fato. Tradicionalmente o stand up, uma forma de passar informações que dispense edição de imagens, é utilizado em flash’s ou boletins ao vivo.

deixado por Alencar. Em sua passagem, o repórter Lucas Rodrigues mostra que o cortejo do corpo, transportado em carro aberto do aeroporto até o palácio do planalto, encontrou muitas homenagens pelo caminho.

A próxima matéria fala de depoimentos de parentes, amigos e colegas políticos sobre José Alencar. Ela tem início mostrando a chegada do caixão ao local do velório. Ele era esperado por sua viúva, dona Marisa, e pelo presidente em exercício, Michel Temer. Nos discursos, a luta de treze anos do ex vice-presidente contra o câncer foi ressaltada. Na missa de corpo presente, Dom Lorenzo Baldisieri ressaltou a história de Alencar e relembrou sua dedicação à vida pública. Muitos políticos também prestaram sua homenagem.

O segundo bloco tem início anunciando que mais de seis mil pessoas foram ao palácio do planalto durante o dia se despedir de José Alencar em meio a choro, mensagens e orações. Muitas pessoas aguardaram a chegada do corpo e fizeram suas homenagens. A próxima reportagem mostrou a cidade onde Alencar fundou a Coteminas, maior indústria têxtil do país e anunciou o luto oficial de Montes Claros. Na sequência, Luís Nassif, comentarista de economia do telejornal, relembrou a trajetória do ex vice-presidente não só como político, mas também como empresário.

Ao vivo, Karine Melo volta para anunciar a chegada de Dilma Roussef e Lula ao velório. Imagens também ao vivo mostram o ex-presidente muito emocionado em frente ao caixão. A repórter fala do início da cerimônia de encomendação, que se inicia durante sua narração.

No terceiro bloco, o Repórter Brasil fala da cerimônia na qual Lula foi homenageado na Universidade de Coimbra. Ele dedicou a honraria a seu amigo e companheiro político José Alencar. Na mesma matéria, também é anunciado o cancelamento de vários compromissos políticos da presidente.

A narrativa do telejornal retorna à Brasília, já no quarto e último bloco, Karine Melo dá mais notícias sobre toda a programação da noite e do dia seguinte. Na sequência, um trecho da encomendação é acompanhado ao vivo pelo telejornal. A última matéria da edição sobre a morte de José Alencar fala dos preparativos para o velório em Belo Horizonte e a cremação, também na capital mineira. Por fim, são dadas as últimas notícias ao vivo do palácio do planalto e o Repórter Brasil noite se encerra com imagens da cerimônia.

Ao final de cada bloco do telejornal, é feito um “povo fala” com um tema relevante do dia. Nessa edição a opção foi o “adeus à José Alencar”; pessoas de



diferentes lugares puderam dizer o que pensavam do ex vice-presidente e como encararam sua morte.

### **Repórter Brasil anuncia: massacre em Realengo**

No dia 7 de abril de 2011, um jovem de 23 anos, Wellington Menezes, entrou armado na Escola Municipal Tássio da Silveira, em Realengo, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro, matou várias crianças e deixou outras tantas feridas. O episódio, que ficou conhecido como “Massacre em Realengo” ganhou a grande mídia e chocou toda a nação.

O Repórter Brasil, assim como os demais telejornais do país, deu bastante destaque ao caso, que rendeu matérias por muitos outros dias. Para essa análise proposta a cobertura de 8 de abril, um dia após o massacre, será a base a ser seguida. Na ocasião do acontecimento ainda não se sabiam detalhes nem tinham números atualizados das vítimas, por isso o dia seguinte foi escolhido.

“A dor da despedida”. Essa frase abre as manchetes da edição do Repórter Brasil noite, e fala da dor de parentes de amigos das vítimas. Homenagens na porta da escola também são destaque, além de depoimentos da polícia sobre detalhes do ataque.

A primeira matéria fala do enterro dos corpos de onze vítimas do massacre. As imagens, que são fortes, mostram o desespero das famílias ao se despedir das crianças. A reportagem também traz o prefeito da cidade, Eduardo Paes, dizendo que foi levar seu abraço às pessoas.

No segundo bloco, o telejornal mostra as homenagens de parentes e amigos das crianças assassinadas feitas na porta da escola. Uma vítima que escapou com um tiro de raspão conta ao repórter os momentos de horror vividos por ela e os colegas. Assim como na primeira, essa matéria também traz depoimentos emocionados. Uma senhora aparece inconformada com a morte da neta, visivelmente transtornada.

Em um gancho com a matéria anterior, o Repórter Brasil fala da falta de segurança nas escolas e flagra uma escola municipal da cidade com os portões abertos. O ministro da educação, Fernando Haddad e a secretária de educação, Cláudia Costin comentam o assunto.

Na sequência, outra matéria fala dos resultados parciais da investigação da polícia. As imagens mostram as armas, cinturões e dispositivos usados pelo assassino. Em off, a repórter Roberta Nápolis anuncia os números liberados pela polícia, como

número de disparos e recarregamento das armas. Em sua passagem, Roberta conta como parentes e conhecidos de Wellington o descreviam. Basicamente como uma pessoa calma e tranquila. Em um off que conta um pouco da história do assassino, imagens de crianças fugindo da escola no momento do ataque são exibidas. O delegado responsável pelo caso, Felipe Ettore, fala que há indícios de que ele teria problemas mentais.

Ainda no segundo bloco, o Repórter Brasil faz uma entrevista ao vivo em estúdio com Antônio Rangel Bandeira, sociólogo, onde fala sobre acesso às armas.

No último bloco, o repórter Paulo Garritano fala ao vivo do Rio de Janeiro e traz as notícias mais recentes sobre o caso. Ele também anuncia uma mensagem do Papa Bento XVI, que disse estar consternado com o ocorrido. Imagens ao vivo mostram que ainda havia no local muitas pessoas prestando homenagens.

A matéria seguinte fala dos momentos de terror vividos pelos alunos. Alguns contam as imagens que viram e dizem não querer voltar à escola. A repórter Carmem Célia fala da criação de grupos de atendimento psicológico para alunos, pais e professores, organizados pela Associação Brasileira de Psiquiatria.

A reportagem que fala da visita do grupo irlandês U2 à presidente Dilma Rousseff também citou o caso do massacre, quando anunciou que durante o encontro eles rezaram juntos pelas vítimas.

O “povo fala” dessa edição também lembrou o caso e seu tema foi “a tragédia na escola do Rio de Janeiro”, onde as pessoas puderam expor sua opinião, dor e revolta com o massacre.

### **Coberturas e Reconhecimento**

Ao se analisar as coberturas em questão do Repórter Brasil noite, a primeira coisa que se pode afirmar que é elas trazem uma carga emotiva muito forte. Esse fato deve-se não somente aos acontecimentos em si, como também à maneira com que as notícias são construídas e conduzidas pelo telejornal. Nos próprios textos dos repórteres percebe-se mais emoção que habitualmente e nas narrações, as vozes são mais serenas, demonstrando que eles também não ficam indiferentes.

A mídia tem o poder de dramatizar os fatos, de usar recursos e mesmo personagens que possam dar a eles a carga de drama e realidade necessários. Além de informar, prender a atenção do telespectador também se torna um dos objetivos

principais. E a tragédia tem esse poder, ela choca ao mesmo tempo que entretém, que causa curiosidade e até mesmo um certo prazer.

A ficcionalização destes acontecimentos de destaque, por meio da espetacularização das imagens e da dramaticidade com que são narradas, atrai a atenção dos telespectadores que supervalorizam estas histórias e os dramas apresentados por elas de maneira muito semelhante ao que acontece na ficção, com a apreciação estética do trágico. Assim, provocam a catarse midiática no público, apelam para a emoção que causa purificação. (BILL, 2009, p.5)

O termo “catarse midiática”, mencionado pela autora no trecho acima, é originado da *Poética*, de Aristóteles, e é usado para se referir ao efeito de purificação que os sentimentos de temor e compaixão provocam no homem ao chocar-se com uma situação trágica. No caso dos telejornais, é como se o telespectador, apesar de comovido com o acontecimento ou a tragédia, se sentisse aliviado por não ser sido com ele.

Quanto à dramatização, Iluska Coutinho, em sua tese de doutorado, defende que existe nos telejornais uma tendência a aproximar suas narrativas aos dramas do cotidiano, como aqueles de uma telenovela, por exemplo. Em “Dramaturgia do Telejornalismo Brasileiro”, a autora coloca que o que é passado aos telespectadores nos telejornais é “uma soma de pequenas tentativas de repetição de alguns fatos, amarrados pelos textos de repórteres e apresentadores, uma “imitação da ação” ou das ações humanas, tal como a definição de Aristóteles para a palavra drama” (COUTINHO, 2003, p.9).

Seguindo essa linha, podemos perceber alguns personagens nas coberturas analisadas. José Alencar, por ter tido seus feitos exaltados, seria o herói, assim como aqueles que ajudaram a salvar as crianças do ataque à escola de realengo. As crianças assassinadas, seus parentes e amigos seriam as vítimas da tragédia e o assassino, o vilão. Construir a narrativa de modo que o público possa entender e se identificar é uma forma de aproxima-los daquela realidade.

Para a realização das pesquisas no projeto “Avaliação do telejornalismo na TV Brasil”, as fontes que aparecem nos telejornais foram classificadas em: autoridades políticas; ligadas ao governo; de associações ou sindicatos; de órgãos públicos; experts; judiciárias; de iniciativa privada; atletas; show business e populares, sendo esses últimos os que mais podiam se aproximar do telespectador em geral. Eles são pessoas comuns, que dão suas opiniões sobre os casos em questão ou servem de personagens para a matéria.

Tanto na cobertura da morte de José Alencar como do massacre em Realengo, pode-se perceber que as fontes populares tiveram mais espaço que o habitual. Durante as pesquisas do projeto, concluiu-se que essas fontes são as que mais aparecem, mas que seus depoimentos praticamente não têm relevância quanto a construção da notícia. Nas matérias destacadas nesse trabalho elas tiveram um pouco mais de espaço, principalmente no caso de Realengo, pois os populares que sofreram o ataque eram quem tinham mais informações para passar, assim como seus familiares e amigos.

E não foram só os depoimentos dos populares que puderam criar laços de identificação com os telespectadores. Ao contrário do que normalmente se vê, a fala de autoridades políticas em ambos os casos representaram a nação. Políticos emocionados no velório de José Alencar, falaram do grande homem que ele foi e os que falaram sobre a tragédia de Realengo, estavam tão tristes e chocados quanto as pessoas que os assistia de suas casas.

Só em casos especiais como esses é possível se ver políticos e populares reunidos em um mesmo lugar, praticamente no mesmo papel: ambos chorando no velório de José Alencar ou na porta da escola Tássio da Silveira. Segundo informações oferecidas na edição do Repórter Brasil noite, até o momento que o programa foi ao ar no dia da morte do ex vice-presidente, mais de 6 mil pessoas já tinham passado pelo local do velório de José Alencar. Eles informaram também que foi a primeira vez que muitos moradores de Brasília subiram a rampa do palácio do planalto.

Personagens também foram usados para aproximar as pessoas. Na cobertura de março, o depoimento emocionado de uma mulher com câncer a aproximou do ex vice-presidente e conseqüentemente, vários outros brasileiros: “Eu me inspirei nele, nessa força que ele transmitia, nessa vontade de viver”, contou dona Zilmar Vieira, que segundo informa o Repórter Brasil tem câncer há quatro anos. Ao falar da dor pelo assassinato das crianças, a popular, que não foi identificada, também representou várias mulheres que a assistiam: “Também sou mãe, tenho duas filhas, minha filha poderia estar aqui nessa escola”, desabafou. Outra fonte popular que também chamou a atenção foi dona Neise, aposentada idosa, que ficou mais de três horas na fila para garantir o primeiro lugar na entrada do público no velório de Alencar.

O “povo fala” das duas edições analisadas também foi voltado para os casos em questão e, diferentemente da grande maioria das vezes, eles não foram feitos em forma de pergunta. Um era “Adeus a José Alencar” e o outro, “Tragédia na escola do Rio de Janeiro”. Dessa forma, as pessoas que foram ouvidas puderam falar um pouco mais

livremente sobre os casos, expondo suas tristezas e indignações, fazendo assim o papel de porta-vozes da nação. Sobre Alencar: “ Exemplo de experiência, pessoa muito boa, grande perda pra todos nós”, fonte de São Paulo. “ O Brasil perdeu, todos nós perdemos, mas o céu ganhou um grande homem.”, fonte de Brasília. “Excelente pessoa, foi iluminado durante todo tempo da sua doença, pessoa que o país jamais vai esquecer.”, fonte do Rio de Janeiro. Sobre o massacre em Realengo: “É um sentimento de impunidade, a sociedade está toda desprotegida, fico muito triste com isso”, fonte de São Paulo. “Uma situação muito difícil, esperamos como pais e professores que a escola seja um local onde a criança se sinta segura”, fonte do Rio de Janeiro. Vale aqui ressaltar que apenas pessoas do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília foram ouvidas.

Quando uma matéria traz forte carga de emoção, principalmente em casos de tragédia, é comum, na academia, fazerem duras críticas, alegando apelação, exagero e sensacionalismo. Mas a linha que separa uma cobertura sensível ao acontecimento e uma apelativa é muito tênue e geralmente essa diferenciação se dá nos detalhes. No caso da chacina em Realengo, por exemplo, mostrar imagens das crianças fugindo baleadas, mães chorando desesperadas e vítimas no caixão pode, para uns, ser considerado sensacionalismo e para outros, ser apenas o retrato da realidade.

Nas duas coberturas analisadas, as matérias que se referiam à morte de José Alencar ou ao massacre em Realengo foram dissolvidas ao longo da edição. Elas não se concentraram em um mesmo bloco e isso acabou contribuindo para que seu peso não fosse tão grande, pois o telespectador se distraía com as demais matérias apresentadas.

### **Considerações Finais**

Depois de analisadas as coberturas do Repórter Brasil e feitas considerações acerca de Identificação e Representação, algumas conclusões podem ser feitas. E a principal delas deve responder, ou ao menos tentar responder, a pergunta inicial: a forte carga emotiva das coberturas de tragédia contribui para que o telespectador se sinta melhor representado e se identifique mais? Por uma série de fatores, a resposta é positiva.

Quando uma tragédia acomete o país, as pessoas sentem necessidade de falar do caso, de ver na TV, de sentir que a dor deles também está sendo lembrada. O Repórter Brasil noite não se omitiu perante os acontecimentos e deu ao telespectador a cobertura necessária para ele se sentir satisfeito, até os assuntos se esgotarem. Por mais que às

vezes pareça cansativo, é assim que muitos telespectadores conseguem “botar para fora” suas dores e angústias, falando e desabafando até não sobrar mais nada.

O ponto forte para a identificação do público com as coberturas foram as fontes. Em nenhum momento foi ouvido alguém que passasse frieza ou distanciamento. É como se a dor deixasse as pessoas mais próximas e iguais. As barreiras invisíveis impostas por nomes ou cargos se desfizeram. Imagens do ex-presidente Lula chorando podem comprovar isso. A todo momento pessoas comuns foram ouvidas, em ambas as coberturas e essas estavam representando todos aqueles que não podiam estar no local, mas que também queriam prestar solidariedade.

Políticos e populares falando de um mesmo assunto, com uma resposta parecida e tempos de fala equivalentes é algo que praticamente não se vê, mas nessas coberturas foi assim. Na verdade, apesar dos cargos, muitas autoridades políticas tiveram o papel de popular em suas falas, aproximando-se assim do público.

A maneira com que as matérias foram conduzidas e editadas também contribuiu muito para que o público pudesse se sentir lembrado. O momento em que foi exibido ao vivo um trecho da cerimônia de encomendação de José Alencar possibilitou que todos de casa se sentissem lá no velório, junto a todas aquelas pessoas importantes.

Um fato que deve ser aqui destacado é que as duas coberturas foram feitas de forma semelhante. Houve um padrão que permitiu que todas as conclusões extraídas servissem para ambas. Isso demonstra que o Repórter Brasil não lida com essas situações de forma displicente. Existe um cuidado e uma preocupação no trato das matérias, o que consequentemente quer dizer cuidado com o público. Isso não significa necessariamente que o telejornal seja isento de interesses e intenções. Afinal, a dramatização dos fatos, principalmente das tragédias, gera audiência.

Todo material jornalístico deveria contribuir para a identificação do público, afinal, ele tem que ser plural e de interesse público. Mas na realidade, muitas vezes vê-se na mídia trabalhos que são resultado de interesses pessoais, políticos e financeiros, que não se preocupam com seu consumidor final e que não cumprem com seu papel social de ter relevância para a sociedade. Se identificar e se sentir representado em uma matéria de um telejornal não é uma questão simplesmente de “me vi” ou “não me vi” na TV. Muitas vezes, a narrativa audiovisual seria capaz de influenciar a vida de um cidadão que pode se sentir ou não parte da sociedade e querer fazer, ou não, algo por ela.



As coberturas que o Repórter Brasil noite fez da morte de José Alencar e do massacre em Realengo permitiram que os telespectadores se sentissem, se não importantes, ao menos lembrados e inseridos na história do país. Isso não apaga ou silencia falhas na edição, mas no que se refere à identificação com o sofrimento, midiático, do público o telejornal analisado cumpriu seu papel.

## Referências Bibliográficas

BILL, Bruna. **Catarse midiática: a tragédia no jornalismo pós-moderno**. Disponível em [www.bocc.ubi.pt/pag/bill-jornalismo-jornalismo.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/bill-jornalismo-jornalismo.pdf) Acesso em 10 de julho de 2011.

BRASIL, Antônio Cláudio. **Telejornalismo, Internet e guerrilha tecnológica**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.

COUTINHO, Iluska. **Telejornalismo como serviço público no Brasil: reflexões sobre o exercício do direito à comunicação no Jornal Nacional/ TV Globo** Artigo apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0777-1.pdf> Acesso em 10 de julho de 2011.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV**. Tese de doutorado (Umesp). São Bernardo do Campo, SP, 2003.

EBC. Disponível em: <http://www.ebc.com.br>. Acesso em: 28 de setembro de 2010.

REPÓRTER BRASIL NOITE. Edições: 30 de março e 8 de abril de 2011. (DVD)

KOVACH, Bill & ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do Jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

TV Brasil. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/> . Acesso em: 28 de setembro de 2010.